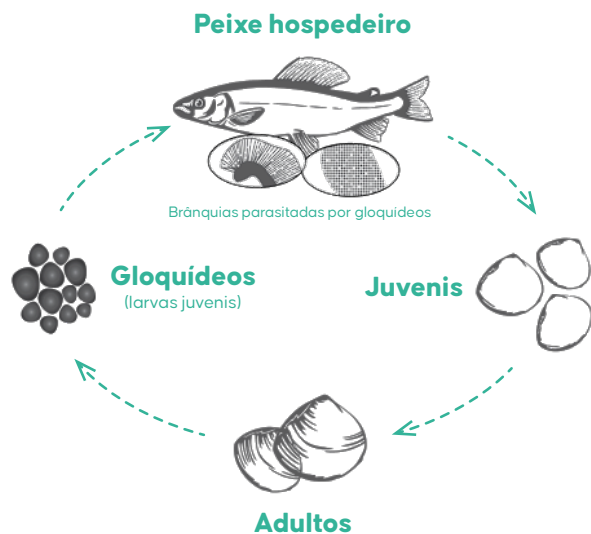


Ciclo de Vida

O ciclo de vida da *M. margaritifera*, espécie dióica (existem também casos de hermafroditismo), começa com a libertação por parte do macho dos espermatozoides para a coluna de água, sendo posteriormente capturados pelas fêmeas através do sifão inalante e encaminhados para as brânquias onde ocorre a fecundação dos óvulos. Formam-se então larvas ou gloquídeos (50-70 µm) que são libertados para a coluna de água, no final do verão. Nesta fase, a larva necessita, obrigatoriamente, de parasitar um salmonídeo. Ocorre então o enquistamento nas brânquias do peixe e após metamorfose relativamente longa (4-5 meses) completa o seu desenvolvimento, transformando-se num mexilhão jovem, de vida livre, que se enterra no substrato do rio.

Ciclo de vida (Unionoidea)



Ameaças

As principais ameaças para as populações da náia-de-do-norte são:

- Destruição e fragmentação do habitat original pela construção de barragens e pela degradação das margens e vegetação ribeirinha;
- Poluição industrial e doméstica, com entrada de águas residuais e poluentes dos aglomerados urbanos e atividade industrial;
- Agricultura intensiva, com a incorporação de fertilizantes e pesticidas;
- Sedimentação dos cursos de água, como resultado de más práticas agrícolas e florestais;
- Pesca intensiva em rios de salmonídeos, com o desaparecimento do único hospedeiros, a truta;
- Introdução de espécies exóticas, com impactos negativos na composição e abundância de espécies nativas e na cadeia trófica.

A náia-de-do-norte está muito ameaçada em Portugal. As populações com maior densidade e sucesso reprodutor situam-se nos rios Tuela e Rabaçal (bacia do rio Tua), no Nordeste Transmontano. Por tal motivo, é necessário conservar estes habitats prioritários e preservar a sua integridade ecológica e promover a reabilitação das populações ameaçadas presentes, em densidades diminutas, nos rios de aptidão salmonícola doutras bacias hidrográficas do norte e centro de Portugal.

SOS SAVE OUR SPECIES



NÁIADE-DO-NORTE

Bivalves de água doce
Família Margaritiferidae
Margaritifera margaritifera
(Linnaeus 1758)

Entidades
Financiadoras



RPMM
RECUPERAÇÃO E PROTEÇÃO DA
MARGARITIFERA MARGARITIFERA

Os mexilhões-de-rio (ordem Unionoida), também designados por náíades, são espécies de água doce que têm a particularidade do seu ciclo de vida estar obrigatoriamente ligado aos peixes, através de uma larva parasita designada de gloquídeo.

Habitam em lagos, lagoas e águas correntes como ribeiras e rios, onde desempenham funções ecológicas relevantes, sendo capazes de filtrar e depurar enormes quantidades de água. Por exemplo um exemplar de *Margaritifera margaritifera* pode filtrar até 50 litros de água por dia. Estes invertebrados apresentam um crescimento lento e podem atingir dimensões apreciáveis e uma grande longevidade.

Náíade-do-norte (*M. margaritifera*)

Em Portugal atinge um comprimento máximo de 123 mm e 65 anos de idade. Apresenta concha alongada, frágil e de coloração negra, no adulto. Os juvenis apresentam uma coloração castanha escura ou mesmo avermelhada.

Estatuto de conservação:
Em Perigo (EN) (IUCN 2014)

A náíade-do-norte habita em rios salmonícolas, nunca tendo sido encontrada em ecossistemas lânticos. Ocorre geralmente em águas frias ($T < 20\text{ }^{\circ}\text{C}$), bem oxigenadas ($\text{OD} > 8\text{ mg/L}$) e oligotróficas (baixo teor de nutrientes). Mais comum próximo das margens, em zonas bem ensombradas e com substratos estáveis e não compactados, de pedra e cascalho e com muito pouco material fino.

É extremamente intolerante à poluição. Os mexilhões juvenis estão totalmente enterrados no leito dos rios e parcialmente enquanto adultos.



Em Portugal encontra-se restrita às bacias do Douro (Rabaçal, Tuela, Paiva e Tâmega) e Neiva. A nível mundial distribui-se pelos rios da vertente atlântica da Europa e América do Norte

Hospedeiros em Portugal

Peixes autóctones: **salmonídeos** (truta-de-rio e salmão)

Medidas de Conservação

As medidas gerais de conservação consistem em:

- Reduzir a poluição e eutrofização;
- Proteger e recuperar habitats aquáticos;
- Conservar e restaurar a vegetação ribeirinha;
- Diminuir a entrada de sedimentos
- Combater as espécies invasoras exóticas;
- Adequar o ordenamento piscícola
- Fomentar boas práticas agrícolas e florestais;
- Zonas de proteção para as espécies ameaçadas.

Equipa Técnica

Amílcar Teixeira (IPB); **Elsa Froufe** (CIIMAR); **Maria Filomena Magalhães** (FCiências); **Maria Judite Alves** (FCiências); **Pedro Beja** (ICETA); **Manuel Lopes Lima** (ICETA); **Ronaldo Sousa** (U. Minho); **Francisco Carvalho** (U. Minho); **Vanessa Modesto** (U. Minho); **Rui Cortes** (UTAD); **Joaquim de Jesus** (Freshwater Lda); **Simone Varandas** (UTAD); **Patricia Rodrigues** (Biota); **Joaquim Reis** (Biota); **Daniel Pires** (Biota); **Carlos Fonseca** (U. Aveiro); **Eduardo Ferreira** (U. Aveiro); **Tânia Barros** (U. Aveiro); **Conceição Fernandes** (IPB); **Paulo Cortez** (IPB).